



MUNICÍPIO DE AVEIRO
Assembleia Municipal

ACTA N.º 83

Sessão Ordinária de Dezembro

1.ª Reunião de 20-12-2004

Aos vinte dias do mês de Dezembro de dois mil e quatro, reuniu a Assembleia Municipal de Aveiro, no seu edifício sede, sito na Avenida Lourenço Peixinho, presidida pelo Presidente da Assembleia Municipal Carlos Manuel Natividade da Costa Candal, secretariado pelo Primeiro Secretário Custódio das Neves Lopes Ramos e pela Vogal Virgínia Celeste das Neves Rodrigues da Silva Veiga na qualidade de Segundo Secretário, e com a presença dos seguintes Vogais Carlos Filipe de Andrade Neto Brandão, Maria Ivone Moreira Silvério Abreu Lopes, António Fernando Ribeiro Martins, Orlando Eduardo Silva Terra Seca, Mário Manuel Borges Pereira Pinto, Ana Carla Guerra de Miranda Macedo, Paulo Jorge Teixeira de Jesus, Maria Isabel Almeida Velada, Manuel Júlio Braga Alves, João Alberto Simões Barbosa, Álvaro Patrício do Bem, Jaime Manuel Pereira Reis Vinagre, António Ildebrando Nunes Costeira, Manuel Vieira dos Santos, Manuel António Coimbra Rodrigues da Silva, Maria das Dores Rodrigues Picado Magalhães Topete, Pedro Ricardo Oliveira Cardoso, Maria Antónia Corga de Vasconcelos Dias de Pinho e Melo, João Carlos Martins Valente, Carlos Gustavo Oliveira Braga Barros, Armando Manuel Dinis Vieira, Luís Paulo Pinheiro Tavares, Fernando Vieira Ferreira, António dos Santos Costa, Jorge Manuel do Nascimento, António Manuel de Carvalho Serra Granjeira, Carlos Mário de Magalhães Anileiro, António Manuel dos Santos Salavessa, Diamantino Laranjeira Simões Jorge e Manuel Arede de Jesus.

Pelas 21:00 horas o Presidente da Mesa declarou aberta a reunião.

No momento da chamada verificou-se a ausência dos seguintes Vogais:

Ermelinda Clara Fernandes Oliveira Ribeiro Costa, Liz Miguel Marques da Silva, Rui Manuel Pereira da Costa, Vítor Manuel Santos Marques, Diogo Manuel Santos Soares Machado e Élio Manuel Delgado da Maia.

Por parte da Câmara Municipal estavam presentes, o Presidente Alberto Afonso Souto de Miranda, o Vice-presidente Eduardo Elísio Silva Peralta Feio e os Vereadores Lusitana Maria Geraldês da Fonseca, Marília Fernanda Correia Martins, Pedro Manuel Ribeiro da Silva, Domingos José Barreto Cerqueira e Joaquim Manuel Silva Marques.

O Presidente da Mesa deu conhecimento ao Plenário, nos termos do artigo 76.º da Lei 169/99 com as alterações introduzidas pela Lei 5-A/2002, da substituição nesta reunião, dos Vogais José da Cruz Costa e Pedro Machado Pires da Rosa, pelos sucedâneos António Fernando Ribeiro Martins e Maria Ivone Moreira Silvério Abreu Lopes, respectivamente.

Ainda, nos termos da legislação em vigor, informou que o Presidente de Junta de Freguesia, Victor Manuel da Silva Martins, se fez substituir, nesta reunião, por Luís Paulo Pinheiro Tavares.

Foram efectuados os reconhecimentos de poderes.

Continuando, o Presidente da Mesa deu nota da correspondência recebida, informando os Srs. Deputados que a mesma se encontra disponível para consulta no Gabinete de Apoio da Assembleia Municipal.

A seguir o Presidente da Mesa leu a “Ordem do Dia” constante da convocatória para esta Sessão Ordinária de Dezembro, cujos pontos se transcrevem:

Ponto 1. – Comunicação Escrita do Presidente da Câmara Municipal;

Ponto 2. – Reconstituição da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Aveiro;

Ponto 3. – Grandes Opções do Plano e Orçamento da Câmara Municipal para 2005;

Ponto 4. – Plano de Pormenor do Parque (antigo Estádio Mário Duarte);

Ponto 5. – Relatório de execução do Regulamento de Taxas, Licenças e Autorizações Urbanísticas do Município de Aveiro;

Ponto 6. – Tabela de Taxas, Tarifas e Preços não Urbanísticos do Município de Aveiro – alterações;

Ponto 7. – Mercado de Cacia – “Protocolo de delegação de competências” entre a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia de Cacia.

Continuando colocou à apreciação e votação do plenário as actas das reuniões anteriores nos termos que se seguem:

Acta n.º 78 - Colocada à discussão não se verificaram intervenções. Submetida à votação foi a mesma aprovada por unanimidade.

Acta n.º 79 - Colocada à discussão não se verificaram intervenções. Submetida à votação foi a mesma aprovada por maioria de trinta e dois votos a favor e uma abstenção.

Acta n.º 80 - Colocada à discussão não se verificaram intervenções. Submetida à votação foi a mesma aprovada por maioria de trinta e dois votos a favor e uma abstenção.

Acta n.º 81 - Colocada à discussão não se verificaram intervenções. Submetida à votação foi a mesma aprovada por maioria de trinta e dois votos a favor e uma abstenção.

Acta n.º 82 - Colocada à discussão não se verificaram intervenções. Submetida à votação foi a mesma aprovada por maioria de trinta e dois votos a favor e uma abstenção.

PERÍODO DE INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

Não houve cidadãos inscritos para intervir.

Membros da Assembleia

Presidente da Mesa

Vogal António Salavessa (PCP)

Vogal Filipe Neto Brandão (PS)

Vogal Jorge Nascimento (CDS/PP)

Presidente da Mesa

(Entretanto entrou na sala o Vogal Raúl Ventura Martins)

PERÍODO DE ANTES DA ORDEM DO DIA

Membros da Assembleia

Vogal Armando Vieira (PPD/PSD) apresentou um voto de Pesar, do seguinte teor:
«**VOTO DE PESAR** – Pelo falecimento do ex-autarca do concelho de Aveiro, João Tavares Duarte, que foi Presidente da Junta de Esgueira, e foi membro daquela Junta durante muitos anos, e que contribuiu e muito - com o seu labor, para o desenvolvimento do concelho de Aveiro e da Freguesia de Esgueira».”

Colocado à votação foi o mesmo aprovado por unanimidade.

Vogal Raúl Martins (PS)

(Entrou na sala a Vogal Maria Teresa Fidélis da Silva)

Vogal António Salavessa (PCP)

A

Vogal Raúl Martins (PS)

Vogal Jorge Nascimento (CDS/PP)

Vogal António Salavessa (PCP)

Vogal António Granjeia (CDS/PP)

Presidente da Mesa

Vogal Orlando Terra Seca (PS) - Nos termos do n.º 2 do artigo 43.º do Regimento, requereu a sua transcrição em acta:

“Eu gostaria de começar por cumprimentar a minha colega de bancada, Presidente de Junta da Freguesia de Esgueira, por todo o esforço que despendeu para conseguir aquele pólo de cultura na maior freguesia de Aveiro. E quero felicitar a Câmara por mais uma realização fantástica, em prole da população.

Depois Senhor Presidente, estamos no Natal e está a chegar o fim do ano, que é uma altura em que todos nós fazemos um balanço do que de bom e de mau nos aconteceu, seja do âmbito pessoal, familiar ou profissional.

Depois deste balanço importante para cada um de nós, que nos deixa sempre preocupados e arrependidos de muita coisa mal feita, pensamos na promessa (que nunca cumprimos) de para o ano tudo ser diferente. Mas como não somos egoístas e os nossos pensamentos têm de ser bons, dilatam-se para outras pessoas, dilatam-se para toda a sociedade em si.

Depois, como um peregrino, o nosso pensamento vai a casa de cada um dos nossos vizinhos a quem nesta altura esquecemos a barulheira que eles fazem à noite e que cumprimentamos com o melhor sorriso que temos — muito rasgado mesmo.

Depois com muito amor, pensamos nos nossos concidadãos em geral e na vida “lixadinha” que a maioria tem.

Pensamos na nossa terra e por fim no nosso país (se está na fartura ou na miséria, para nos situarmos no centro dele).

Fiz esta reflexão e fiquei triste. Fiquei triste com o nosso país que nesta altura festiva de alegria e amor parece um barco à deriva em alto mar a meter água por todos os lados.

No dia 30 de Novembro, o Senhor Presidente da República, em nome de todos os portugueses dissolveu a Assembleia da República e conseqüentemente demitiu o Governo. Este facto custa muito a aceitar a alguns – que não a mim. Pior Governo que este Portugal nunca teve e

difícil será repetir-se. Eu soube-o desde sempre! Soube-o desde que o Senhor Dr. José Barroso se “pirou” do país para engrandecer o seu nome que não o de Portugal.

Passaram-se só cinco meses, mas tão pouco tempo foi uma eternidade para os Portugueses. Foram cinco meses perdidos. Foram cinco meses de retrocesso. Foram cinco meses que criaram milhares de desempregados e centenas de falências.

O Governo caiu porque era insustentável para o Senhor Presidente da República assistir e aguentar por mais tempo tanta asneira, tanta incompetência, tanta incoerência.

O Governo durante estes meses ia-se construindo durante o dia, para à noite se deitar (ele próprio) a baixo. No outro dia de manhã começava novamente de novo e à noite demitiam-se, exoneravam-se, enfim, deitavam tudo a baixo outra vez. E este “bota-a-cima”, “bota-a-baixo”, durou cinco meses! Cinco longos meses de desorientação, de desgovernação, de deriva, sem azimute, sem qualquer rumo; nem controlava nada de nada.

Logo na Tomada de Posse assistimos a cenas caricatas, cómicas e ridículas. O Primeiro-ministro à volta dos papéis, no discurso a dizer tudo o que lá não estava e coisas sem nexo — foi o que saiu! Seguidamente o Ministro, que ouvia o título do seu ministério, ficou abanado e com cara de parvo a questionar-se, a questionar os outros sobre o assunto.

Numa outra Tomada de Posse de Secretários de Estado, numa das muitas mini remodelações, via-se o Primeiro-ministro muito aflito a coçar a cabeça, olhando para trás à espera de alguém que não chegava e acho que nunca chegou — e ele a coçar-se por todo o lado, sem saber já onde havia de coçar-se.

Em mais uma remodelação de uma Secretária de Estado, acabou na Tomada de Posse de mais dois Secretários de Estado, após a demissão do Ministro que os tutelava.

Depois, nesta suposta governação, o Primeiro-ministro anuncia uma coisa e de seguida vem o Ministro das Finanças desmentir. No outro dia a cena repete-se, mas invertem-se os papéis: Bagão Félix diz uma coisa e Santana Lopes vem a seguir numa espécie de ajuste de contas, dizer o contrário.

Depois na Saúde e nas taxas de saúde a bagunça ainda é maior. Um diz uma coisa de manhã, à tarde já diz outra e à noite vem outro dizer tudo ao contrário. Um caos! Um calvário para os portugueses aguentar isto tudo e toda aquela gente durante a eternidade de cinco meses.

Em mais um folhetim Nobre Guedes destroça Mexia que fica em estado de choque e na continuação desta espécie de “Quinta das Celebidades”, Barreto vem em sua defesa e zanca em Nobre Guedes!?

No caso da “Bombardier”, o Ministro Portas anuncia empreitada e o Ministro Barreto desmente. Solidário e respeitando os cabelos brancos do seu parceiro de coligação, Portas vem seguidamente desmentir-se a si próprio!

Depois o Primeiro-ministro falta a um banquete de estado em que estão em causa muitas coisas do interesse nacional, para se debruçar, deitar ou dormir a sesta (não sei) sobre o Orçamento.

Enfim, estes cinco meses foram uma telenovela cómica, digna de ser vista, mas que nos ficou caríssima. O Senhor Presidente da República, na representação de todos os portugueses, assistia presidencialmente à maioria das coisas e devia, creio, danar-se todo por dentro. Mas aguentou enquanto pode.

Mas chegou a hora. Era impossível aguentar mais; em que não era possível tornar-se mais conivente com tanta incompetência e com tanta desarrumação mental — e arrumou com esta gente que não tinha interesse para os portugueses nem para Portugal.

Agora vamos assistir ao segundo acto: a campanha eleitoral, em que os protagonistas vão ser os mesmos — acredito que devem andar mentalmente a fazerem as tais promessas que todos nós fazemos nesta altura do ano, de nos modificarmos e que nunca cumprimos.

Mas, enganar-nos a nós próprios não é difícil. Agora, enganarmos os portugueses é muito, muito, complicado. Não acredito que sejam capazes de enganar outra vez os portugueses!?

Principalmente aquele que nesta altura do ano, sem filosofias (e são a maioria), não têm o pão que querem e sabem quem de algum modo lho tirou.

Para finalizar Senhor Presidente. A coisa chegou a tal ponto, que não sei se é do conhecimento de Vossa Excelência, mas estava a ser preparada uma incursão de centenas de Presidentes de Junta de Freguesia a Lisboa, para empurrar o Governo não à parede (creio), mas para os empurrar para o Tejo. Estava tudo marcadinho, só não chegaram a entrar nas camionetas porque entretanto o Governo caiu sozinho.”

Vogal Armando Vieira (PPD/PSD)

Vogal Jorge Nascimento (CDS/PP)

Vogal Orlando Terra Seca (PS)

Vogal Carlos Valente (PPD/PSD)

Presidente da Mesa

Vogal Isabel Velada (PS) - Nos termos do n.º 2 do artigo 43.º do Regimento, requereu a sua transcrição em acta:

“Relativamente ao voto de pesar pelo falecimento do ex-autarca João Tavares, eu sugiro também que esse voto seja extensivo ao ex-autarca Afonso Pires Tavares, falecido pouco antes daquele.

«VOTO DE PESAR - pelo falecimento do ex-autarca Afonso Pires Tavares, que muito trabalhou para a Freguesia de Esgueira, e com uma dedicação extrema».

Informo também que este voto de pesar extensivo aos dois autarcas já foi apresentado na última Assembleia de Freguesia de Esgueira.

Perante a difícil situação que temos vivido ultimamente, só acreditando e trabalhando sem desânimo e com muita persistência, tem sido possível continuar a investir na construção de um presente e de um futuro melhor para todos. O caminho não passa pelo facilismo, pelo esperar de melhores dias para que as obras possam nascer e ser concretizadas. Os obstáculos surgem constantemente e há que ser determinado e trabalhar afincadamente, no sentido de os ir ultrapassando, até que o principal objectivo que é contribuir para a melhoria das condições de vida das pessoas seja atingido. Assim, quero salientar a importância do trabalho realizado pela nossa Câmara Municipal, não só através das pequenas obras que têm vindo a ser concretizadas e que são visíveis, mas também pelas que não se vêem, mas que a população sente. Um dos melhores exemplos, é o grande investimento que têm vindo a ser efectuado na área da rede de saneamento e que presentemente abrange quase todo o conselho de Aveiro. Para nosso contentamento, as grandes obras, visíveis a todos, também têm sido muitas. Não posso deixar de felicitar e agradecer à nossa Câmara Municipal, Vereação e Técnicos envolvidos, pela construção de uma destas grandes obras na Freguesia de Esgueira. Refiro-me naturalmente ao Centro Cultural de Esgueira, inaugurado no passado dia onze.

A Freguesia de Esgueira, pela sua história, pela capacidade de afirmação das suas gentes, há muito que merecia um espaço imponente como este. Os seus frequentadores, na sua maioria residente na Freguesia, vão sentir-se muito orgulhosos, pela utilização deste belo edifício que será de todos.

Em nome da Junta de Freguesia de Esgueira, o meu agradecimento muito especial ao Senhor Presidente da Câmara – Dr. Alberto Souto, pelo seu grande empenhamento na realização desta obra, que só assim deixou de ser um velho sonho, para se tornar numa realidade.

Por fim, agradeço as palavras do senhor deputado Dr. Jorge Nascimento, e peço-lhe para ler o último parágrafo da minha intervenção do dia da inauguração, que se encontra transcrita no boletim entregue hoje, onde o meu agradecimento se destina a todos aqueles que deram o seu contributo. É que para além do falecido Sr. João Tavares, e do Sr. Prof. Celso, muitos

foram os que contribuíram para a realização desta obra, como por exemplo o meu antecessor, o Sr. Dr. Fernando Leitão e todo o seu executivo.”

De seguida o Presidente da Mesa colocou à votação o Voto de Pesar apresentado pelo falecimento do ex-autarca Afonso Pires Tavares, sendo o mesmo aprovado por unanimidade.

Vogal Armando Vieira (PPD/PSD) - Nos termos do n.º 2 do artigo 43.º do Regimento, requereu a sua transcrição em acta:

“Gostaria de começar a minha intervenção por convidar formalmente a Câmara de Aveiro e a Assembleia Municipal de Aveiro, obviamente em momentos distintos (porque acho que é do interesse), a visitar a Freguesia de Oliveirinha, averiguando, tendo uma noção daquilo que é preciso fazer ao nível do planeamento de uma zona que vai estar sobre forte pressão e averiguando da potencialidade daquela freguesia nas mais variadas áreas, nomeadamente económica, para o futuro local obviamente, para a qualidade de vida das pessoas que residem e irão residir, crescentemente procuradas por pessoas que pretendem ter ali moradias, e obviamente também para a economia da cidade de Aveiro.

Portanto, fica lançado o convite para o início do ano, em data que entendam. Gostaríamos que com tempo – não é uma visita (como diz o povo lá da minha terra) de médico, que o Senhor Vereador Eduardo Feio ou o Senhor Presidente da Câmara fazem a correr — têm sempre uma agenda muito preenchida. A Freguesia de Oliveirinha andando de carro, sem parar, precisamos de meio-dia. Ora, se precisarmos de parar aqui e ali, temos que andar um dia no mínimo — portanto, era este o desafio que ficava.

Posto isto, queria cumprimentar o Senhor Vereador Pedro Silva, pela assunção das suas funções e dizer-lhe que de uma forma leal, na diversidade das ideias políticas, mas aqui comungamos todos dos mesmos objectivos. Pode contar com esta habitual postura da Junta de Freguesia de Oliveirinha, de lealdade. O que não quer dizer acordo sempre, nem sempre estaremos de acordo, mas teremos a lealdade de o manifestar frontalmente como é o nosso timbre e nosso hábito.

Quero cumprimentar a Colega Isabel Velada e dizer-lhe que não estive na inauguração porque infelizmente estava fora em serviço da ANAFRE e não pude estar (o que faria com muito gosto) na inauguração do Centro Cultural de Esgueira. E dar-lhe os parabéns pessoais e da Junta de Freguesia de Oliveirinha por esta inauguração, que com certeza dignifica bastante Esgueira. E obviamente cumprimentar a Câmara por esta obra, para a qual contribuíram muitas pessoas, mas que já foram aqui referidas sem dúvida nenhuma.

Hoje vinha aqui fazer dois comentários de uma forma muito serena, que é uma forma de estar. Eu penso que as pessoas me conhecem, às vezes falando um bocadinho mais forte, não quer dizer que não seja uma pessoa serena. Tenho de mim próprio (passo a imodéstia da afirmação) de que sou uma pessoa serena, sensata e equilibrada.

Defendo as minhas ideias na vida, mas na vida comunitária autárquica, defendo a minha comunidade que tenho que defender, mas respeito e até tenho feito uma longa caminhada de aprendizagem, nomeadamente naquela universidade que o meu amigo Orlando Terra Seca não é capaz de falar sem procurar ofender — e que ele não ofende! Eu tenho feito a caminhada da universidade da vida. Para além da Escola Comercial, da minha presença em Africa como militar, da minha vida de empresário, com muitas dificuldades e muitos problemas pelo meio, da minha vida de autarca, da minha vida de dirigente nacional, da minha vida de dirigente político, da minha vida de candidato à Câmara e à Assembleia e à Junta de Freguesia de Oliveirinha — esta tem sido a minha “universidade”.

E eu não quero aqui apoucar ninguém. Porque o Senhor Orlando Terra Seca, quando veio explicar o que quer dizer com “danado”. Na minha terra, o povo humilde da minha terra, diz

que danados são os... animais. Os animais de que eu gosto muito! E eu acho que aquele termo não ficou ali bem, porque foi deselegante com o Senhor Presidente da República, quando utilizou os termos. Não era essa a intenção dele que eu sei! Mas depois na resposta ofendeu os Presidentes de Junta e não devia tê-lo feito. Nós também lhe perdoamos porque ele não o fez com a intenção de ofender; ele é boa pessoa! Nós sabemos que o Orlando tem o coração ao pé da boca e diz aquelas coisas, às vezes diz uns disparates, eu também digo, embora menos que ele mas lá vamos.

Mas vamos aqui falar de uma coisa que se passou aqui há uns tempos e eu sinto-me injustiçado e ofendido. E o que se passou há uns tempos, foi uma notícia que veio no Diário de Aveiro que diz assim: “Lusitana acusa Armando Vieira de delírio sensitivo”.

Ora bem, como eu disse que sou uma pessoa serena acho que não tenho delírios desse tipo. Não tenho perturbações sensitivas, não sou delirante. Na altura, esta ofensa foi uma ofensa à população de Oliveirinha e foi uma ofensa à minha pessoa. E à Junta de Freguesia de Oliveirinha, além do mais, é uma grande injustiça — e os senhores já vão ver porquê.

A Freguesia de Oliveirinha, tem instalados na sua sede vinte e dois computadores. Desses vinte e dois computadores, dezasseis estão ao serviço da população como “Espaço Internet”. Computadores actualizados, nos quais a Junta de Freguesia de Oliveirinha investiu fortemente. Quando se instalou o “Aveiro Digital” (eu estou a falar desapaixonadamente porque eu sei que são usadas coisas para nos atacar e eu além de ficar magoado e triste, porque eu esforço-me por promover a minha população, não gosto que sejam injustos com a minha população e com a minha Junta de Freguesia, pela qual tenho muito orgulho), eu quero aqui lembrar que aquando da instalação do “Aveiro Digital” a Freguesia de Oliveirinha adquiriu desde logo dez computadores. Comprou e pagou dez computadores para potenciar o espaço Internet — a “Cidade Digital” não tinha dinheiro e não pôs lá nenhum computador. Não tinha dinheiro, não pôs computadores! Mas eu, entusiasticamente, colaborei para que fosse potenciado o espaço Internet — é a nossa função “colaborar”.

Uma outra coisa que eu não gosto é que duvidem da minha honestidade!? Tenho defeitos, montanhas de defeitos, infelizmente poucas virtudes, mas porem em causa a minha honestidade não aceito. Isso atiro-me pelas paredes acima! Cometo muitos erros, mas mexerem com a minha honestidade e duvidarem da minha honestidade eu não aceito.

E quando põem em causa a minha honestidade, mesmo que seja um princípio que não pretenda isso, eu reajo e sou eu próprio. Digo assim: nós temos uma autarquia que responde por si e emite recibos (ponto final). Do que se passa dentro das portas dessa autarquia nós não temos de dar satisfações a ninguém — além do Tribunal de Contas e à Assembleia de Freguesia de Oliveirinha.

Portanto, dizer-lhes que neste Espaço Internet muitas vezes socorremos nós próprios a Cidade Digital no seu início. Com a nossa dinâmica, com a nossa postura, com a formação. Porque eu tenho uma paixão passe a imodéstia – não quero que me interpretem mal, como um determinado senhor disse em tempo; porque eu tenho esta consciência adquirida nessa universidade que pretenderam há bocadinho gozar. É que eu sou um observador privilegiado da vida portuguesa. Considero-me um observador privilegiado da nossa vida e do nosso país, pelas minhas andanças. E digo-vos muito sinceramente que se há batalha que nós temos todos que travar é a batalha da educação do nosso povo. Eu sinto isso todos os dias, em todos os momentos, a todas as horas. E tenho isso presente na minha cabeça constantemente. Ainda esta semana calcorreei as festas da freguesia (coisa que não costumo fazer) falando disto aos pais: “por favor, não deixem propriedades, contas bancárias, aos vossos filhos. Dêem-lhe instrução, saber. Dêem-lhes conhecimentos, que isso é que é o fundamental e a riqueza do futuro deles” — e faço isto pelo país fora. É a minha universidade Senhor Orlando Terra Seca! E quanto a isso eu poderia fazer um comentário negativo, mas não vou fazer porque eu lido com muitas pessoas com formações diferentes, professores catedráticos

respeitáveis, políticos, e não me sinto mal ao lado deles em determinadas matérias (nas outras sentir-me-ei insuficientemente preparado, mas ninguém é enciclopédico, todos nós sabemos isso. E eu também não serei com certeza e estarei muito longe de ser como muitas pessoas que há no nosso país e ainda bem, que eu fosse o menos consciente dos portugueses, daquilo que devemos fazer para o futuro).

Mas dizia eu, que com esta postura, comprámos os tais computadores e equipámos uma sala que é considerada a melhor sala de formação que existe em Aveiro. Em todo o concelho de Aveiro! Dito por técnicos que dão formação de formadores — e nas quais já foram ministradas mais de três mil horas de formação; alguma formação de formadores; não é só formação de tecnologias básicas. E nessas, em competências básicas, já foram ministradas oitocentas horas. Para já não contar aqui com as montanhas de horas de utilização da população que utiliza aqueles dezasseis computadores que nós temos à disposição e que invariavelmente são numa percentagem acima dos oitenta por cento utilizados por um escalão etário entre os dez e os quinze anos. É lógico, é assim. E com muita satisfação da Junta de Freguesia.

Agora, alguém dizer ou algum grupo, só porque eu fiz um comentário que foi mal transmitido então, porque eu disse: “a Cidade Digital pode estar com dificuldades; tem dificuldades financeiras”!? Mas eu como conheço como funcionam os programas operacional da sociedade da informação — porque conheço. Eu trabalho com eles, o POSI. E através do POSI a ANAFRE já equipou duas mil e trezentas Juntas de Freguesia com postos de Internet. Portanto, acho que sei da matéria que estou a falar. E quando eu digo que a Cidade Digital pode não estar a funcionar bem, mas eles também podem ter razão porque eles nem sempre pagam atempadamente — foi este o comentário que eu fiz com um jornalista. E a formação não é aquilo que devia ser, mas os recursos financeiros às vezes são escassos e nós temos de ter dificuldades e daí resultou esta coisa que eu acho que é no mínimo uma ofensa à minha pessoa, à minha Junta de Freguesia e à minha população.

Só mais uma outra coisa. A Junta de Freguesia de Oliveirinha é visitada por muita gente de todo o país, por razões óbvias. E eu quero saber se a Câmara de Aveiro está e é solidária e sente orgulho na forma como funciona a Junta de Freguesia de Oliveirinha nas suas instalações. Para a qual contribuí muito, esta Câmara, este Presidente da Câmara, estes Vereadores. Se sente orgulho nisso, se tem orgulho nisso e se acha que a Junta de Freguesia de Oliveirinha que é um modelo (passo a imodéstia da informação). Eu conheço o país e é considerada uma infra-estrutura modelar no panorama das freguesias ao nível do concelho, e infelizmente do país — conhecendo eu em termos de instalações Juntas muito superior aquela.

E nesta questão dizer-lhes, que não aceito portanto — na altura não respondi nos jornais, não devia fazê-lo. Eu sei o que está por trás disto. Lamento é que a Senhora Vereadora Lusitana Fonseca que estava investida noutras funções, não tivesse o bom-senso de me ter telefonado e de ter perguntado se tinha sido assim!? Porque eu agora poderia responder-lhe no mesmo tom sobre matérias da competência que desempenha como Vereadora — e boas razões teria para o fazer.

Este assunto encerra aqui. Com esta serenidade que os senhores ouviram e agora tenho que passar — infelizmente hoje tenho que falar das Senhoras Vereadoras. Tenho de falar da Senhora Vereadora que eu aprecio muito, que é uma simpatia de senhora — a Dr.ª. Marília é uma pessoa simpática (não me custa dizer), gosto muito dela, mas há dias deu uma entrevista ao Jornal de Notícias, e no Jornal de Notícias dizia: “... à frente da comissão fica o Presidente (estamos a falar de Comissões Locais de Apoio Social, os CLAS), à frente da Comissão fica o Presidente da Junta, que em conjunto com os restantes parceiros tem como missão ir para o terreno detectar as prioridades”. E mais à frente, depois diz: “...as freguesias que já têm, não tem sido fácil ou porque dizem os Presidente de Junta que não têm

técnicos para fazerem esses trabalhos (o que é verdade) ou porque se assustam com tudo isto. Os Presidentes de Junta têm aqui a oportunidade de defenderem os interesses das suas freguesias”; concluiu a Senhora Vereadora.

Ó Senhora Vereadora, eu gosto muito de si acredite (e não estou a brincar caros colegas; eu quando não gosto de uma pessoa digo-lhe). A Dr.^a Marília é uma pessoa que se empenha, que dá, que luta, que trabalha. É verdade, eu reconheço isso. E está sempre com um sorriso disponível para nos ouvir — mas foi infeliz nesta entrevista! Foi infeliz e foi injusta. Então nós andamos (ainda a senhora não pensava sequer ser vereadora ou autarca na sua vida), se há trabalho que nós fazemos no terreno é o trabalho social – intensíssimo trabalho social. Dentro de atribuições que não temos, que não nos são exigíveis. E, portanto, dizer-lhe também aqui foi injusta connosco. Porque se há dedicação, se há coisa que me é sensível, se há coisa que me é cara a mim próprio e à minha família, está na matriz da minha família, é a preocupação com o outro, com o vizinho, com o semelhante — e há aqui pessoas que sabem disso. Ainda ontem, domingo, durante a manhã, andei a tentar resolver um problema de ordem social bastante grave que ainda não pude falar com a Senhora Vereadora sobre isto.

Dizer-lhe que temos postura e dedicação. Foi infeliz esta declaração. Os Presidentes da Junta não têm medo de ir à luta. E o Presidente da Junta de Oliveirinha nunca teve medo de ir à luta. Nesta e noutras matérias estará sempre consigo em tudo o que seja melhorar as condições, porque eu sonho com uma sociedade verdadeiramente social-democrata.

Eu sei porque é que eu sou social democrática; verdadeiramente social-democrata. Em que nós temos que ter grande preocupação por aqueles que nada têm nomeadamente, ao nível da habitação e temos que procurar resolver esses problemas, e contem comigo para esta questão.

Termino pedindo ao Senhor Vereador Eduardo Feio, que na sinalética direccional de Aveiro, na rotunda dita do Pingo Doce, onde diz Vilar/S. Bernardo, deva lá estar por razões óbvias: Oliveirinha.”

Vogal Raúl Martins (PS)

Vogal Jaime Vinagre (PS)

Vogal António Granjeira (CDS/PP) - Nos termos do n.º 2 do artigo 43.º do Regimento, requereu a sua transcrição em acta:

“Em relação ao que nos traz hoje aqui Senhor Presidente, viemos aqui levantar o caso da CASAL. O Senhor Presidente da Câmara, prometeu em tempos numa reunião de Câmara que iria resolver o assunto. Somos agora novamente confrontados com posições nos jornais, com interpelações públicas em sessões de Câmara por ex-trabalhadores da CASAL. Somos confrontados concretamente com um caso de um terreno que esteve ou está há dois anos para resolver e aprovar um projecto. Quantos projectos tem a Câmara parados ou pendurados há mais de dois anos? Quantos investimentos novos em Aveiro sofrem deste pecado de lentidão crónica? Quantos futuros funcionários ou ex-trabalhadores vão esperar por coisas como esta da administração municipal, digo, da administração do Senhor Presidente? Quantos negócios, investimentos, se perdem ou se perderam por esta inépcia?

Falemos da análise empresarial, Senhor Presidente. O mercado de duas rodas deslocou-se para leste, mais propriamente para a exploradora mão-de-obra barata e sem direitos que hoje alegremente vemos tomar o nosso lugar — a Ásia. Um mercado de qualidade e de alto valor acrescentado rodou para a Alemanha e para a França; embora fornecido por empresas portuguesas de excelência como por exemplo as de Águeda. Porque não pode ser a CASAL uma destas empresas? Porque ainda espera pelas propostas e promessas do Senhor Presidente, bem assim como os seus ex-funcionários que o interpelam em sessões públicas? Acho que para além das promessas que foram com a maresia ou com a brisa da Ria, esta

situação perpassa a falta de visão estratégica, falta de rumo e orientação da Câmara, que pensa e implementa para este nosso concelho.

A CASAL permite-nos falar sobre estes assuntos, Senhor Presidente. Atrair ou não a indústria? Já somos infelizmente pouco competitivos, por via das suas, porque não das nossas, taxas exageradas; pouco competitivos quando nos comparamos com o nosso município vizinho, quando nos comparamos com o município vizinho de Oliveira do Bairro ou de Albergaria, cujas áreas e parques industriais nos passam aos pontos.

O Senhor Presidente da Câmara poderá argumentar, com a vontade de querer empresas de tecnologias ou de caris técnico. Mas quantas atraiu até hoje? Quantos empregos estas empresas criaram aqui? Ou pretenderá a Câmara fazer de Aveiro uma terra de lazer e de serviços?

Como testa de ponto das empresas de lazer a Câmara criou a EMA! Inicialmente serviu é certo para construir o estádio, mas hoje gere-o e gere os seus serviços; mas quais? Senhor Presidente gere almoços péssimos e pouco mais! Nem lhe conto como foi a minha refeição na única vez que me deslocuei para lá para esse efeito. Nunca mais lá volto! É uma vergonha. Na cantina da Câmara de certeza que se come melhor e mais barato.

Ainda ninguém percebeu a estratégia de sustentabilidade do nosso fantástico e megalómano Estádio. Ficamos então, pela atractividade pura e simples dos hipermercados? Apenas e só? É isso que nos interessa?

Por muito que não goste de falar disto, as empresas como a CASAL Senhor Presidente, geram emprego e bem-estar. Geram aumento de poder de compra. Geram por isso qualidade de vida. São poluentes? Talvez! Mas hoje se vir num recente artigo que saiu no jornal, pode ver que há projectos que podem ser eco-eficientes.

Continuamos a perder oportunidades e vontades. Continuamos a desperdiçar hipóteses de investimento, mas não nos esqueçamos da razão desta intervenção — a CASAL. Infelizmente perdemos mais uma empresa Senhor Presidente. Mas perdemos também, pelo menos no dizer dos ex-funcionários um bem fundamental - a confiança no Senhor Presidente da Câmara.”

Vogal Manuel António Coimbra (PPD/PSD)

Vogal António Salavessa (PCP) - Nos termos do n.º 2 do artigo 43.º do Regimento, requereu a sua transcrição em acta:

“Ao cumprimentar o Senhor Vereador Pedro Silva, pela primeira vez que se dirige a esta Assembleia e que participa nesta Assembleia Municipal na qualidade de Vereador, eu queria dizer que vejo a sua vinda com muita simpatia, mas ao mesmo tempo com um número muito grande de interrogações. A primeira das quais é: como é que se sente um Planeador do Território numa Câmara que extinguiu a carreira específica de Planeador do Território? E como é que um Planeador do Território que reconhecidamente tem desenvolvido princípios, técnicas de construção participada dos planos e de apelo à participação das populações na definição do plano e na gestão de conflitos, como é que se vai dar numa Câmara que manifestamente não tem tido essa prática?

Portanto são estes desafios, estas curiosidades, que eu tenho muito interesse em ver como é que se vão desenvolver num próximo futuro.

Tenho também aqui presente a acta que o Dr. Jorge Nascimento colocou, quanto àquela venda dos terrenos, ou melhor, à compra a particulares que no momento a seguir a Câmara vende a uma empresa pelo dobro do valor que é comprado — o que me traz inúmeras interrogações. Entre as quais, ser uma votação por unanimidade com a ausência da Vereadora Lusitana Fonseca que se ausentou da sala no momento imediatamente anterior a essa votação (por razões que ela saberá e que não terão que ser explicadas à Assembleia). Portanto espero claramente que a Câmara esclareça este assunto.

Ao ouvir o Senhor Deputado Terra Sêca colocar aqui uma série de situações, veio-me à lembrança uma pergunta. E a pergunta é esta: «concorda com a carta dos direitos fundamentais, a regra das votações por maioria qualificada e o novo quadro institucional da União Europeia, nos termos constantes da constituição para a Europa?»

Ora, se há trapalhada vamos lá a juntar mais uma — e esta com o vosso total acordo e participação, dado que esta trapalhada tem também o voto favorável do Partido Socialista; a que se pode juntar outras. Aliás, eu por ver este debate pré-eleitoral, em como é que se pode fazer um combate a um governo que um determinado governo desenvolveu, começando por afirmar como o Eng.º Sócrates hoje terá afirmado, que já altura de acabar com este mau hábito de um governo que chega e quer começar sempre do princípio. Portanto comprometendo-se a fazer mudanças sem destruir as políticas dos governos do PSD/CDS. Acho que é preciso ir um pouco mais longe do que isto. É preciso de facto ir às políticas e não andar só em mudanças de cosmética que de facto nos trazem mais do mesmo, mas com uma roupagem ligeiramente diferente.

Em relação às pequenas coisas e já que hoje aqui veio pela voz do deputado Raúl Martins, questões da Avenida Artur Ravara e da zona do Hospital. Há meses que há um absurdo (um absurdo pequeno, mas que pode ser resolvido) um absurdinho vá lá, ali na zona do Hospital, que é: uma excelente iluminação para passagens de peões a incidir no sítio onde não está a passadeira de peões.

A passadeira de peões está um bocadinho mais ao lado. Raios!?! Vão lá, desaparafusem aquilo e mudem lá aquilo para cima da passagem que está a servir a urgência do Hospital. E já agora, um apelo ao futuro Governo para que dê um impulso àquelas obras nas urgências, que eram para estar concluídas no EURO 2004 e qualquer dias estamos no EURO 2005 ou 2006 e não há meio de haver as urgências prontas. E se é verdade que as provisórias não são muito más, o que é verdade também, é que aquele tipo de instalações com o tempo tendem a degradar-se rapidamente.

Já que entrei na Saúde, queria informar a Assembleia e os senhores deputados, que pela primeira vez depois de duas reuniões nos idos 2002, fui convocado para uma coisa chamada: Comissão Concelhia de Saúde. A Comissão Concelhia de Saúde, foi chamada, infelizmente não para reunir (acreditem que se tivesse sido chamado mais vezes eu teria participado, não haveria os problemas que há aí com outras Comissões), mas para ouvir uma exposição muito interessante não só por parte do Senhor Director do Centro de Saúde de Aveiro, mas de vários elementos que estão à frente de diversas áreas do Centro de Saúde de Aveiro, em que deram conhecimento aos membros da Comissão Concelhia de Saúde de diversas alterações de funcionamento, de objectivos que nos pareceram (pelo que me pareceram a mim), positivos e que devem ser sublinhados. Nomeadamente, os resultados já conseguidos na atribuição de médicos de família e no objectivo que têm em cobrir completamente os utentes com médicos de família e outros objectivos parcelares.

O único senão desta apresentação que nos foi feita reside em dúvidas que tenho quanto ao objectivo anunciado de reduzir o horário de funcionamento do SAP em duas horas. Portanto, o SAP em vez de fechar às vinte e duas, passar a fechar às vinte. É evidente que foi demonstrado pelos números que há uma quebra significativa no número de utentes no SAP a partir das vinte horas, até às vinte e duas. Mas isso não me parece ser razão suficiente para que diminua e acabe. Sendo certo que haverá sempre uma quantidade mais ou menos significativa que acabará por optar por ir ter à porta do Hospital. Penso que não há aqui uma abordagem integrada deste problema. Manifestei esta dúvida lá, vou continuar a manifestá-la, ao mesmo tempo que foi prometido que a Comissão irá finalmente reunir um destes dias.

Eu informo lateralmente, que estava para agendar para esta Sessão da Assembleia Municipal a questão da Comissão Concelhia de Saúde e do seu não funcionamento. Dado o facto de ter existido esta novidade, adiei esse agendamento por enquanto.

Para terminar Senhor Presidente e Senhores Deputados, apenas duas coisas (as outras ficarão para a Comunicação do Senhor Presidente). Primeiro, não partilho, continuo a não partilhar, de qualquer entusiasmo relativamente à GAMA (Grande Área Metropolitana de Aveiro). Foi uma trapalhada enorme aquele acto de tomada de posse!? Eu sei que anda para aí alguém à procura de saber qual é o elemento mais antigo das Assembleias Municipais, qual é o ancião das Assembleias Municipais da área da GAMA — não sei para quê, não faz qualquer sentido! Se é para aquilo que eu estou a pensar não faz qualquer sentido.

A Lei das Autarquias é a Lei que deve ser seguida; perante a omissão na lei específica das áreas metropolitanas de qualquer elemento, é a Lei das Autarquias que guia. E se não querem dar protagonismo, ou melhor, se o senhor presidente da Junta não quer dar protagonismo (não sei se é doutor ou engenheiro), mas ao Senhor Hermínio Loureiro tem que dar, porque ele é o elemento mais votado da lista que ganhou. É ele que tem que dirigir a primeira reunião da GAMA até à eleição da GAMA. Portanto resolvam lá os problemas do PSD e cumpram a lei direitinha segundo a Lei das Autarquias que é aquela que determina esta situação.

Último ponto. O Senhor Presidente convocou o Conselho Municipal de Segurança, para lhe dar conhecimento das decisões sobre os Guardas-nocturnos. Se o Conselho Municipal de Segurança é convocado para ouvir decisões não vale a pena haver Conselho Municipal de Segurança. Aliás, mais uma vez é sua característica Senhor Presidente de não querer as pessoas a participar na construção de soluções e pô-las perante factos consumados.

E o facto consumado é o edital que dá conta da criação deste serviço, algo que não vejo nem no plano de actividades para este ano, nem no plano de actividades para o ano que vem, nem nas informações do Presidente da Câmara Municipal! Esta questão dos Guardas-nocturnos caiu do céu absolutamente aos trambolhões sem que seja explicado o que é que isto significa para os municípios.”

Vogal João Barbosa (PS)

c

Vogal Dores Topete (PPD/PSD)

Vogal Diamantino Jorge (IND.)

Vogal Maria Antónia Pinho e Melo (PPD/PSD) - Nos termos do n.º 2 do artigo 43.º do Regimento, requereu a sua transcrição em acta:

“Não podia deixar de dar testemunho aqui da minha perplexidade perante a situação política que se vive hoje em Portugal. Nos últimos trinta anos, foi a primeira vez que se assistiu à dissolução do Parlamento e conseqüente inviabilização do Governo, havendo uma maioria a suportar esse mesmo Governo.

É uma situação bizarra, aparentemente incompreensível, pelo menos para os mais incautos.

Para quem se sente profundamente português e aprendeu que primeiro está sempre Portugal, acima de todos os interesses pessoais, partidários, de grupo ou de classe – afigura-se estarmos a viver num mundo kafkiano e confuso!

Lamenta-se, profundamente, que o país tenha sido esquecido e relegado para segundo plano. Confesso que não esperava vir assistir a uma decisão que recorda os tempos do PREC, por não respeitar as normas que uma democracia ocidental costuma seguir e respeitar.

Os mais poderosos (em influência e em dinheiro) tiveram mais força que os votos dos portugueses livremente expressos mas urnas.

Quero acreditar ainda numa justiça “justa” e isenta; num grande capital que se submeta ao poder político; numa comunicação social que não faça propaganda política, que não tome

partido, que não intervenha arrogantemente, sem respeito nem consideração pelo direito e pela competência dos que partilham ideias diferentes.

Não é por se pertencer a determinados partidos que se é mais competente, mais inteligente, mais capaz ou mais democrata.

Não aceitamos, nem damos lições de democracia. Vivemos o espírito democrático na acção política, na vida, no combate pelas ideias e pelos projectos que defendemos.

Quando se declara que se respeita a decisão tomada pelo mais alto magistrado da nação pelo cargo que ocupa, eu gostava de afirmar que não respeito cargos! Respeito pessoas.

Quando essas pessoas pelo seu carácter, pelo seu comportamento ou a sua competência, ganharam o direito a esse respeito.

Vamos continuar na luta pela social-democracia, com o empenho que sempre se coloca naquilo em que se acredita. Esperamos que se clarifiquem e se apartem as águas e que o povo saiba quem defende os interesses do país e quem apenas defende meros interesses de grupos.”

Vogal Filipe Neto Brandão (PS) - Nos termos do n.º 2 do artigo 43.º do Regimento, requereu a sua transcrição em acta:

“Um das breves palavras, a primeira das quais obviamente dirigida ao meu querido amigo Pedro Silva, a quem auguro total convicção com que irá desempenhar (função que foi desde vinte e cinco de Novembro, data carregada ela própria de simbolismo) as suas novas funções. Seguramente o Senhor Salavessa levantou algumas questões, assistiremos ao branquear dos poucos cabelos que ainda lhe restam, e portanto, bem-vindo a esta barca autárquica.

E obviamente, no momento em que o saúdo, não posso deixar de desejar ao Vereador que foi substituído as maiores felicidades na sua vida profissional.

Em segundo lugar, Senhor Presidente da Câmara, saudá-lo efusivamente uma vez mais, que não me cesso de fazer, cada vez que entro no Teatro Aveirense e sou brindado com um espectáculo magistral. Foi exactamente isso que aconteceu neste fim-de-semana – o espectáculo do Rodrigo Leão. Com uma particularidade que é: tivemos a oportunidade, o privilégio, de escutar uma voz eirolense, uma voz aveirense de Eirol, uma voz aveirense notável, que irá seguramente dar muito que falar futuramente, já dá. Foi a voz (segundo os críticos) revelação deste ano e seguramente que a Ana Vieira virá futuramente a maravilhar os palcos do mesmo modo com que encantou o Teatro Aveirense repleto. E portanto, também por aí obviamente, uma vez que essa obra é uma obra emblemática que fica da sua inteira responsabilidade, porquanto eu recorro uma vez mais (porque há pessoas que se esquecem), que antes de V.Exa. assumir a condução do município, a reconstrução do Teatro Aveirense foi durante anos uma mera verba inscrita de Orçamento em Orçamento, até que veio tornar-se realidade.

Também aqui do pelouro cultural, um bom início de mandato para o meu ilustre amigo Pedro Silva, a decisão da Câmara de dotar o edifício fronteiro aos Paços do Município, como sede de uma série de associações, mormente associações culturais. E será obviamente uma iniciativa que nós saudamos. É um modo de dinamizar e de reconhecer, a importância que essa miríade de associações que lá se irão instalar, o contributo que oferecem para o tecido cultural municipal.

Agora, não me cabe a mim arvorar em paladino das freguesias até porque temos aqui quem institucionalmente as represente. Mas não posso deixar de repudiar mais uma atitude do Governo que felizmente cessa funções e cessa-as definitivamente, que foi já ter proibido praticamente as Juntas de Freguesia de editarem os seus boletins de freguesia — boletins informativos. Aliás, este Boletim com que hoje fomos presenteados e que agradeço à Senhora Presidente de Junta de Esgueira, será provavelmente o último boletim que tem possibilidade de publicar, porquanto o Decreto-Lei 224, de Dezembro de 2004, veio proibir a publicidade

em publicações periódicas informativas editadas pelos órgãos das autarquias locais, com o fundamento no mínimo cínico de que as freguesias tinham dotação orçamental própria.

Ora, conhecendo as dificuldades das Juntas de Freguesia, retirar-lhes esta fonte de receita que era sabida, exclusivamente, destinada a custear os boletins informativos é obviamente mais uma machadada de um Governo que sempre foi hostil ao poder local, aliás sempre denunciado (isso é verdade) pelos seus representantes — e que mesmo nesta fase final não se coibiu de dar mais uma machadada que obviamente esperamos vir a ser revogada brevemente.

Aliás, em Aveiro, vive-se uma particularidade que é provavelmente o único concelho em que não só o PS como o PSD concordam, que o Dr. Santana Lopes não deve ser Primeiro-ministro e deve ser apeado. Porquanto é manifesto e todos recordamos que houve um Ministro que recentemente acusou o Primeiro-ministro de ser desleal e de ter uma total incapacidade de coordenação. Ora, é evidente como todos sabemos, há uma particularidade política incontornável, o chefe de gabinete desse Ministro é o Presidente da Concelhia do PSD de Aveiro. E das duas uma: ou o Presidente da Concelhia do PSD de Aveiro e por arrastamento a concelhia do PSD de Aveiro, vinha a denunciar que esse Ministro, das duas uma ou havia ensandecido, ou havia padecido de mal do cotovelo, ou dever-lhe-ia dar razão. Ora, as únicas declarações públicas que eu conheço ao Senhor Presidente da Concelhia do PSD de Aveiro, foi ter manifestado que tinha no Ministro cessante e autor destas palavras, a maior consideração e tinha-o na conta de uma pessoa honestíssima e íntegra. E portanto, não o tendo dado como tolo é obvio que só lhe pode ter dado razão e, portanto, é a exigência do interesse público que faz com que não possa ser Primeiro-ministro um indivíduo desleal, que não tenha qualquer capacidade de coordenação.”

Vogal António Granjeia (CDS/PP)

Vogal Filipe Neto Brandão (PS)

Da Câmara Municipal

Presidente da Câmara

“Eu peço desculpa, mas não vou responder a todas as perguntas, vou tentar fixar-me nas mais importantes — e começando evidentemente pela ligação ferroviária ao Porto de Aveiro. Eu ouvi com atenção as intervenções que foram feitas sobre esta matéria. Estou evidentemente muito preocupado com o que ouvi e lamento. Não posso não lamentar que ao fim de três anos de termos este Governo em funções (esta sucessão de Governos), o projecto estruturante para Aveiro da ligação ferroviária ao Porto tenha marcado passo. E, ainda por cima, com estas nuvens que foram aqui hoje anunciadas sobre a sua concretização imediata. É dos tais projectos que a recessão económica, a falta de decisão, e capacidade na decisão política e técnica, a má gestão das prioridades naquilo que são investimentos estratégicos para o país (e em especial para Aveiro), está a ter as consequências que são sensíveis e que nos prejudica a todos.

Depois, queria dar-vos o esclarecimento que foi pedido sobre a questão dos terrenos que foram adquiridos e vendidos na mesma acta. De facto a acta é a mesma. Mas as operações são feitas no tempo, em momentos diferentes. Os terrenos estavam negociados previamente e há algum tempo já com a proprietária. Foram adquiridos como terrenos agrícolas e florestais não infra-estruturados e são depois alienados já como terrenos infra-estruturados e no conjunto com outros terrenos da Câmara, que permitiram que as pequenas parcelas inicialmente adquiridas pudessem ser valorizadas. Portanto há aqui uma dupla valorização ou se quiserem uma tripla valorização que decorre do desfasamento no tempo da aquisição, na infra-estruturação respectiva dos terrenos e no facto de juntando esses àqueles que a Câmara já tinha contíguos, o valor do terreno pudesse ser bastante diferente.

Em todo o caso e para que todos fiquem tranquilos, e podem confirmar os valores praticados nas hastas públicas e no mercado envolvente, a Câmara praticou nos dois casos os preços do mercado. A coincidência fez com que de facto, que só se tivesse formalizado a primeira aquisição que estava negociada já há algum tempo e formalizar também a autorização para a alienação na mesma acta. E portanto a explicação é tão singela como isso e não há aí nada de extraordinário. Em todo o caso é uma boa operação para a Câmara que seguiu os preços do mercado, com a valorização decorrente da infra-estruturação respectiva do terreno.

Sobre a CASAL, eu gostava de dizer ao Deputado António Granjeia, com toda a simpatia, que o que faz a população perder a confiança nos políticos é exemplos como aquele que aqui trouxe. Que é o caso de um deputado municipal que não se documenta convenientemente e vem para aqui lançar suspeições sobre o comportamento da Câmara nesta matéria — que não as posso admitir. A Câmara foi irrepreensível neste projecto. Este caso (e tenho pena que o Dr. Granjeia venha em 2004, eu diria, só não é a despropósito, porque infelizmente ainda há alguns trabalhadores que estão no desemprego por conta dessa falência. Mas se a memória não me traiçoa, a CASAL já faliu em 1999, e não consta que os ex-accionistas da CASAL estejam na miséria. Não consta! A Câmara honrou todos os seus compromissos na altura. Adquiriu os terrenos, teve os terrenos à espera que o projecto, o novo projecto, com dois ou três nomes de empresas que foram aparecendo como potenciais empresas a liderar o projecto se concretizasse, e a verdade é que isso não aconteceu. E não quero dizer mais nada sobre isso: senão que não pesa na consciência deste executivo nada; fizemos tudo o que havia a fazer para que a nova unidade fosse constituída e que os ex-trabalhadores, alguns, porque felizmente outros conseguiram ser reintegrados e absorvidos por outras empresas.

O sector como se sabe é um sector que está em crise em Portugal e em que todas as fábricas existentes em Portugal faliram e tiveram que fechar. E portanto, eu com amizade e com franqueza, com sinceridade, peço-lhe que investigue a sério o que se passou neste processo para ver quem é que merece a confiança e quem é que não merece a confiança, de algumas tribunas de opinião pública, onde tudo se publica e algumas vezes anonimamente, cobardemente, para não poderem ter a resposta que mereciam como aconteceu da última vez. E sobre este caso, que já vem de 98, 99 eu não queria dizer mais nada.

Sobre o Instituto de Emprego e Formação Profissional, queria só explicar a questão que foi suscitada pelo Prof. Manuel Coimbra. A explicação também é muito simples: a Feira das Profissões realizou-se em frente ao Centro de Congressos e não no Parque de Feiras e Exposições, por pedido do próprio Instituto de Emprego e Formação Profissional, que tem ali como sabe as suas instalações e que gostou imenso do espaço envolvente. Arriscou que o clima ia permitir a realização ao ar livre e com as condições que ali foram instaladas — e o bom e o mau do que aconteceu foi de facto da responsabilidade do Instituto de Emprego e Formação Profissional. Correu tudo muitíssimo bem, foi um grande momento para Aveiro, vieram uns milhares de pessoas a Aveiro entre participantes, familiares, amigos. A única coisa que correu mal foi um ligeiro atraso na retirada de estruturas. De resto foi um sucesso, e a explicação para ter sido feita ali foi de facto a atractividade e o gosto que eles tiveram, e a conjugação claro, com as salas que eles ali têm e com o próprio anfiteatro do Centro de Congressos.

Sobre os guardas-nocturnos eu queria dizer ao Senhor Deputado António Salavessa, eu se bem me recordo, o regulamento dos guardas-nocturnos veio aqui à Assembleia — se a minha memória não me traiçoa. Portanto, eu fiquei um bocado surpreendido de ver o Senhor Deputado Salavessa dizer que estava a ser confrontado no Conselho Municipal de Segurança com um facto consumado! A ideia foi, e por consideração para com o Conselho Municipal de Segurança, devia ser feita uma reunião em que esse regulamento aprovado nos órgãos competentes fosse explicado. Como sabe a Câmara tem pouco a ver com a operacionalização do sistema, são mais as Juntas de Freguesia e as forças operacionais. E portanto, eu não

estive presente nesta reunião (esteve o Senhor Vereador Domingos Cerqueira), mas creio que correu muito bem e que foi tudo explicado e, portanto, não houve nenhuma intenção de desconsiderar o Conselho Municipal de Segurança; pelo contrário.

A propósito dos vendedores ambulantes, dos horários. Não há aí nenhuma discrepância nem falta de coordenação. Acontece apenas que nós temos (felizmente não temos muitos, temos um ou dois), casos de vendedores ambulantes que nos têm feito sentir que de facto a sua actividade não é compatível em termos de viabilidade económica e vida, com o horário que está estabelecido no nosso regulamento, que é até à meia-noite. E portanto, a observação que o Senhor Vereador Domingos Cerqueira fez a certa altura, todos nós partilhámos numa reunião pública de Câmara, foi de que tem que ser analisada essa questão porque de facto não é realista que se mantenha um horário até à meia-noite para a realidade que estamos a abordar, uma vez que é a partir da uma, duas da manhã que realmente esse caso de vendedor ambulante (e felizmente só temos “esse” e mais um outro), pode fazer o seu negócio.

Os locais é uma coisa, os horários é outra. Não está nada definido, é uma questão que vai ser estudada, não há nenhuma razão para alarmismos sobre novas alterações dos horários dos bares ou dos estabelecimentos similares.

Senhor Engenheiro Diamantino Jorge. De facto os “jacintos” da Pateira é uma praga que a câmara municipal e o nosso sector de ambiente não têm meios, nem competência, nem jurisdição para debelar. É uma questão que a Direcção do Instituto de Conservação da Natureza tem vindo a acompanhar e os nossos serviços ajudaram naquilo que for possível.

A Carta Escolar. Temos de transmitir e a todos os Presidentes de Junta, que não há razões também. Eu compreendo a ansiedade dos senhores Presidentes da Junta que têm que dar explicações aos pais e às suas populações, mas é um trabalho que tem que ser feito com calma, com serenidade, não há nada decidido e nada será decidido sem que todos os agentes do processo educativo, e também em especial os Presidentes de Junta sejam atempadamente ouvidos e considerados nas suas opiniões. E portanto, queria afastar aí qualquer receio que exista de aparecer de repente uma Carta Escolar fabricada pelos técnicos e consumada. Não é esse o caso. É dos tais processos em que ao contrário do que dizia ali o Senhor Deputado Salavessa, a Câmara confirma a sua prática de grande participação e de envolvimento nos processos de planeamento, em que aliás o deputado Salavessa tem sido particularmente interveniente com sugestões tantas vezes pertinentes em todos os Planos que aqui vêm, e tantos têm sido.

A revisão do PDM, idem idem aspas aspas. É um processo que está a arrancar, em que já recebemos algumas contribuições de alguns Presidentes de Junta e de alguns particulares interessados, mas é um processo em relação ao qual temos muitos meses pela frente, os necessários (espero que não excessivos), para que se faça um trabalho que possa ser interiorizado, assimilado pelos principais responsáveis e feito de uma forma sólida, consistente, em que todos nos possamos reconhecer, nas alterações e naquilo que não for possível alterar, que todos compreendam porque é que teve de se manter.

O Museu Etnográfico. O senhor Presidente da Junta conhece bem a nossa vontade em encontrar os financiamentos no âmbito destes programas que existem para a recuperação do património, e no âmbito da museologia, dos espaços museológicos, para dar vida à casa que foi adquirida. É realmente um processo que não tem andado com o ritmo que desejaríamos.

Quanto à Delegação de Competências, eu penso que nós teremos ocasião de falar nelas mais tarde quando falarmos nas Grandes Opções do Plano e Orçamento para 2005.

Depois duas notas, só para dizer que congratulo-me de facto muito, de facto, como podem imaginar — e é daqueles momentos em que sentimos orgulho em ser autarcas. Há pequenas coisas e grandes obras: e o Centro Cultural de Esgueira é de facto daqueles momentos importantes em que nos sentimos satisfeitos com nós próprios. E não quis afastar desta alegria ninguém, nenhuma das pessoas que contribuíram para que chegássemos onde

chegámos agora. Realmente houve aí uma falha no protocolo, a verdade é que esta casa também tinha sido já adquirida em 1996, portanto os nossos serviços não se lembraram do Prof. Celso (houve essa falha). Mas no primeiro mandato recorro-me bem, está ali a Sr.ª Dr.ª Maria Antónia, o Sr. Domingos Cerqueira, que foi um projecto que fez o seu caminho e demorou algum tempo. É uma grande alegria para todos! Julgo que é uma casa que faz parte de facto da memória de Esgueira e da identidade de todos nós e espero que agora possa ter uma actividade intensa e sustentada.

E também, deixem-me manifestar a minha satisfação pela conclusão da Ponte do Outeiro. Foi aqui referido e bem, e eu acho que nós respondemos às críticas, e de vez em quando sabe bem pararmos para ver aquilo que foi feito de bom — e a Ponte do Outeiro era uma obra fundamental e julgo que é uma obra que fica para décadas e que resolve de forma não precária (pela primeira vez desde há muitas décadas), o acesso aos campos agrícolas do Baixo-Vouga. É o principal acesso a um projecto que é o mais importante que temos em termos agrícolas na nossa região. Como aqui foi dito e muito bem é um débito do Estado e espero que possa ser rapidamente compensado, porque a urgência da situação não se compadecia com mais delongas.

As desniveladas. A desnivelada da estação está praticamente pronta. Quem for espreitar do lado de lá já vê também a avenida a ser rasgada até à N109. E, portanto, logo que as duas obras estejam prontas serão abertas ao trânsito bem como os arranjos na envolvente do túnel que estão evidentemente previstos na empreitada (bem como o largo da estação); tudo isso ficará pronto ao mesmo tempo; assim o esperamos. Temos de ter a paciência de esperarmos mais um tempinho.

Sobre as observações que o Sr. Armando Vieira fez aqui em relação às Senhoras Vereadoras. Eu penso que isso está devidamente esclarecido. A Dr.ª Marília Martins não disse aquilo que veio publicado nos jornais; não disse dessa forma. Foi provavelmente desvirtuado e o senhor Presidente da Junta também teve a justiça de reconhecer — na prática ela desmente a afirmação que apareceu publicada.

Em relação ao comunicado do Aveiro-Digital. É um comunicado de uma entidade que eu penso que terá a oportunidade de dar as explicações que entender oportunas. O Sr. Armando Vieira recorda-se também que as afirmações que saíram a público da sua parte, em relação a essa Comissão, foram afirmações com algum peso, com alguma gravidade e em desproporção total sem correlação nenhuma com a quantidade e a qualidade do trabalho que estava a ser feito. Eu não sei se a frase foi feliz... Sr. Armando Vieira, o comunicado, eu tenho-o aqui, e tem números que eu não vou repetir. Acho que há uma conversa que vale a pena ter com a Comissão Executiva do Aveiro-Digital para que se desfaça este episódio”.

Seguidamente o Presidente da Mesa deu por encerrada a primeira reunião desta Sessão Ordinária de Dezembro, informando que a próxima reunião será no dia 22 de Dezembro (4.ª feira), pelas 20:30 horas.

Eram 00:30 horas do dia 21 de Dezembro de 2004.

Para constar e devidos efeitos se lavrou a presente acta, que tem como suporte gravação magnética de tudo quanto ocorreu na respectiva reunião, de acordo com o disposto no n.º 3 do artigo 43.º do Regimento, e vai ser assinada pelo Presidente da Assembleia e por mim, Manuel Cartaxo, funcionário municipal destacado nos Serviços de Apoio à Assembleia Municipal, que a elaborei nos termos legais.

(3:30)